

Construções Sociais e Discursivas de Pais e Filhas

Nesta parte da análise, procuro identificar em entrevistas que fiz com Aurélio, Mariana e Ana Clara, e nas quais assumi o papel de pesquisadora e participante, o conceito que se tem de auto-identidade e das identidades sociais que emergem dos discursos e parecem confirmar a idéia de Sue Widdicombe (1998) de identidade como algo disponível para uso e que para ser entendida, tal qual a subjetividade, devemos primeiro identificar os discursos e o contexto no qual ocorrem. Analiso, ainda, como uma referência a uma identidade social de um indivíduo é também uma referência ao seu pertencimento a uma categoria específica. Aqui procuro demonstrar que a idéia de ser membro ou não de uma determinada categoria não é algo que se pode simplesmente supor, mas que se alcança.

Iniciarei minha análise pelas construções que Aurélio traz de outros pais, inclusive o seu pai e como ele próprio se constrói como pai. Na seqüência, analisarei as construções e posições de cada filha em relação aos pais, como cada filha constrói a identidade dos pais. Enfim, observarei os defeitos e as qualidades atribuídos a cada membro da família e de que forma isto pode influenciar nas interações familiares cotidianas segundo as expectativas de cada um.

6.1

Aurélio e suas construções de pai

6.1.1

Pai – uma auto-construção

A construção da identidade paterna de Aurélio está presente em diversos momentos tanto nas interações quanto na entrevista e pudemos perceber que sua experiência passa da questão da renúncia àquele que se constrói pelo amor e cuidado ao outro. A fim de viabilizar a análise e conseqüente leitura, divido as entrevistas em fragmentos que virão numerados e, ainda, com o objetivo de

contextualizar a entrevista, reproduzo a pergunta que iniciou nossa conversa e que não vai incorporada à fala do entrevistado. “Pergunta 1: Ser pai hoje. Como é para você?”

(i) O pai da renúncia

Fragmento 1

Aurélio

- 01 Então, ser pai é.... antes de tudo é uma espécie de renúncia,
 02 renúncia em pró do outro, é um cuidado, é uma forma de amar
 inigualável... chega
 03 a ser uma espécie de amor altruísta, a gente determina ou segue sem
 esperar
 04 nada, eu acho que é isso aí...
 05 Ser pai pra mim é estar participando dessa espécie de renúncia em favor
 do outro
 06 ser...

No primeiro turno da entrevista, Aurélio orienta sua fala para o que ele qualifica como mais importante para a construção de sua identidade paterna, a renúncia, mas uma renúncia que não deve ser vista negativamente e sim como algo que é feito em pró do outro (linha 2). Na mesma linha, irá trazer para o discurso dois itens que parecem reforçar o que ele acha que é ser pai hoje: “*é um cuidado, é uma forma de amar inigualável...*”.

Ao trazer para o discurso o verbo *cuidar*, percebe-se que esse papel amplamente vinculado à mãe, de algum tempo pra cá, é também vinculado ao pai moderno que ama de uma forma inigualável. A seguir, final da linha 2 e nas linhas 3 e 4, Aurélio esclarece esse amor inigualável como sendo um amor altruísta, que não espera nada em troca e cuida desinteressadamente pelo bem estar dos filhos.

No final, linhas 5 e 6, afirma que compreende o ser pai como “*estar participando dessa espécie de renúncia em favor do outro ser*”, algo que pressupõe cuidado e disponibilidade. Conforme Gadotti (1998 *apud* Paulo, 2005) a paternidade necessita de tempo e de disponibilidade, e que o tempo gasto com

os filhos é que permite o estabelecimento de um vínculo afetivo, intensificando as relações.

(ii) O pai protetor

Devido à característica da pergunta de número 2: “Conte alguns casos que aconteceram com você e suas filhas”, acredito ser necessário fazer um breve esclarecimento sobre a forma de discurso que será enfatizada nos relatos de Aurélio: a visão das respostas como histórias narrativas. Pesquisadores como Gee (1985 *apud* Mishler, 1995) afirmam que uma das principais maneiras encontradas pelos seres humanos de fazerem sentido de sua experiência foi transformá-la em uma estrutura narrativa, habilidade comunicativa que se desenvolve desde a infância, por influência das práticas comunicativas em sociedade, sem a necessidade de treinamento explícito ou instrução.

De uma maneira geral, conforme comentado na sessão de suporte teórico deste estudo, capítulo 4, seção 4.2, o fato de histórias aparecerem com tanta frequência nas respostas dos entrevistados, fortalece a visão de alguns teóricos de que as narrativas são uma das formas cognitivas e lingüísticas por meio das quais os indivíduos tentam organizar sua experiência e expressar significado.

Fragmento 2

Aurélio:

- 1 Por exemplo, certa vez, quando minhas filhas eram pequenas, no
- 2 caminho da escola a gente gostava de fazer algum tipo de arte...
- 3 Então, tinha uma mureta, eu me lembro como se fosse hoje, ela bem
- 4 pequenininha,
- 5 ela pedia “Papai, me leva no perigo!” e eu permitia que ela, segurando na
- 6 minha
- 7 mão fosse caminhando naquela... no tijolo da mureta, e pra ela aquilo era um
- 8 perigo
- 9 enorme!
- 10 Mas ciente que eu estava ali pra protegê-la...
- 11 Passou algum tempo, já maiorzinha, passamos por aquela mesma rua e ela
- 12 “Pai,

- 9 Olha o perigo, pai, quanto tempo a gente não passa aqui no perigo.". Então,
eu me
10 senti recompensado, né?

É possível verificar, logo no início de seu turno, o caráter narrativo que Aurélio empresta à sua fala. Iniciar com *por exemplo* (linha 1) é um recurso de que ele se vale para garantir a coerência do que virá a seguir, como que a comprovar a veracidade do fato que será narrado. Nas linhas 1 e 2, ele introduz o fato de que ele e as filhas gostavam de *fazer algum tipo de arte* a caminho da escola, descreve o cenário e a personagem (linhas 3 e 4) e passa a narrar o que considera realmente importante para a narrativa: que a filha sabia que podia fazer o que fosse, perigoso como fosse, que ele estaria ali para protegê-la.

Charlotte Linde (1993) afirma que histórias de vida expressam nosso senso de quem somos, como nós nos tornamos dessa forma e de como negociamos isso com os outros. E mais, nós usamos essas histórias para pedir ou negociar participação no grupo e demonstrar que nós somos de fato membros legítimos desse grupo, entendendo e seguindo corretamente seus padrões morais. Aurélio deixa isso bastante claro quando, fazendo uso de mais um elemento da narrativa, o tempo, afirma (linhas 8 e 9) *passou algum tempo* e ela não se esquecera dos fatos. E finaliza sua história avaliando positivamente que cumprira com seu papel de pai protetor ao inculcar na cabeça da filha que poderia contar com ele sempre.

(iii) O pai cuidador

Fragmento 2.1

Aurélio

- 11 Outra coisa interessante eram as praças que eu costumava passear com
ela ainda
12 pequeninha, ainda no carrinho...
13 os passeios com ela pra tomar sol pela manhã,
14 tal... e eu tive o privilégio de poder curtir a infância dessas crianças...
15 meu trabalho permitia isso e eu não me furtei...

Nesta parte da narrativa, Aurélio, continuando sua história de vida, recorre a uma construção que, à semelhança com as crônicas, com foco nas personagens e no que faziam costumeiramente, busca garantir, mais uma vez, a verossimilhança com o que acredita ser um pai cuidador. Nas linhas 11, 12, 13 e 14 afirma ter tido o privilégio de curtir a infância das filhas, levá-las às praças e aos banhos de sol e, na linha 15, talvez porque a figura do pai cuidador não seja muito comum, embora considere um privilégio, sente-se na obrigação de justificar que fazia tudo isso porque seu trabalho permitia.

Fragmento 2.2

Aurélio

16 Outra coisa interessante, foi quando elas iam descobrindo os animais, iam

17 descobrindo as coisas da cidade, iam descobrindo o tipo de vegetação...

18 Certa vez, na praia, a gente queria colocar ela... queria que ela pisasse na areia pra

19 ela sentir a areia..

20 a gente colocava ela descalça e ela resistia, resistia... até o último momento pra não

21 tocar na areia...

22 E quando ela tocava a areia, a sensação que pra gente era pra ser uma sensação

23 boa, ela não gostava... E isso foi formidável!

No trecho acima (fragmento 2.2) é possível identificar como Aurélio, ao fazer uso de um elemento coesivo (linha 16): *outra coisa interessante*, a fim de retomar a narrativa, ratifica Linde (1993) quando diz que a troca de histórias de vida é um processo social, que o ouvinte traz em si alguns tipos de demandas sociais e conclui que quanto maior a intimidade entre o falante e o ouvinte, esperamos histórias de vida mais detalhadas. Observo, neste momento, que o narrador está trazendo situações de sua trajetória para alguém com quem tem intimidade (sou a pesquisadora, mas também sou participante dos fatos narrados), alguém que compartilhou com ele esses momentos, que tem conhecimento da seqüência e cronologia dos fatos, logo, alguém que pode notar e reportar as lacunas em sua história.

Acho interessante observar, neste momento da análise, uma crítica que Elliot G. Mishler (1995) aponta com relação aos trabalhos de Labov e Waletzky (1967), eles teriam subestimado o efeito do contexto do entrevistador e do entrevistado; Mishler afirma que o papel do entrevistador é importante e deve ser levado em consideração, o que não foi feito por Labov e Waletzky. No fragmento em análise, Aurélio não faz mais uso do pronome “eu” para usar “a gente”, como uma maneira de me incluir nos seus relatos.

6.1.2

Pais modernos X Pais antigos

A pergunta seguinte (de número 3): “E ser pai antigamente?”, retoma a primeira questão que era para ele dizer como é para ele ser pai atualmente.

Fragmento 3

Aurélio

- 1 Comparando com os pais de antigamente, a gente pensando, eu não
- 2 tenho lembrança do meu pai ter feito algo parecido comigo.
- 3 É...eu acho que a paternidade 20, 30 anos, ou até mais, 40 anos atrás era aquela
- 4 coisa autoritária, que o filho não sentia uma espécie de amizade com o pai...
- 5 E eu hoje me sinto assim...amigo das minhas filhas...
- 6 E a medida que elas vão crescendo a amizade vai crescendo e a autoridade vai
- 7 diminuindo, a ponto de tudo ser resolvido na base da conversa.
- 8 Ora não me agrada, ora desagrada elas e assim vai...A vida é assim...

No fragmento acima, Aurélio ao comparar o pai moderno com o pai antigo torna relevante o foco em si próprio, o pai moderno é como ele se vê e o pai antigo é o próprio pai. Aurélio inicia a resposta (linha 1) usando pais de antigamente, mas logo a seguir (linhas 1 e 2) afirma não ter lembrança de seu pai ter feito com ele o que ele fez/faz com as filhas; remete-nos à paternidade de 20, 30 ou até 40 anos atrás como sendo autoritária (hierárquica), algo que impedia uma amizade entre pais e filhos (linhas 3 e 4). Hoje, afirma sentir-se amigo das

filhas (linha 5), amizade esta que vai crescendo à medida que as filhas crescem (linha 6); em contrapartida, a autoridade diminui à proporção que a amizade aumenta. Aurélio finaliza sua fala pontuando que nem sempre esse tipo de relação com as filhas é algo agradável, na linha 8 afirma isso categoricamente e conclui que “A vida é assim...”.

Diante dessa conclusão abrupta, e, esperando que algo mais fosse dito, pergunto-lhe repetitivamente o que seria, numa primeira ordem, a questão de número 5: “Como você vê essas relações de ser pai antigamente e hoje?” E ele se coloca da seguinte forma:

Fragmento 4

Aurélio

- 01 Bom, como eu vejo essa relação de ser pai antigamente e ser pai hoje...
- 02 Bom, eu acredito que a... antigamente era tudo pautado na autoridade e no respeito, a
- 03 gente respeitava mais os pais velhos, mas eu não sei se hoje, se as crianças de hoje
- 04 não respeitam os pais velhos, por ter uma certa liberdade...
- 05 Eu acho que eles respeitam sim, mas de uma maneira diferente, exercendo uma certa
- 06 liberdade...
- 07 por exemplo, às vezes eu ligo pra minha filha mais nova e ela fala “Fala aí, veiii!”,
- 08 Nossa, quando que eu poderia falar com o meu pai assim?
- 09 Eu acho que eu nunca tratei meu pai assim...
- 10 Mas eu não acho ruim que ela me chame assim...
- 11 Às vezes o diálogo por telefone, a gente deixa perceber essa relação de autoridade.

No entanto, uma análise do fragmento acima reflete, mais uma vez, que para Aurélio o ponto nodal que diferencia os relacionamentos é a questão da autoridade e acrescenta o respeito e a liberdade das crianças de hoje como diferenciais da relação entre pais e filhos. Como se a liberdade que se permite aos filhos hoje impedisse a hierarquia que havia antigamente e era garantia de respeito – entendido aqui como uma relação mais formal; pois, ao exemplificar, linha 7,

como sua filha mais nova fala com ele ao telefone, deixa transparecer um certo espanto (linhas 8 e 9), logo substituído por um esclarecimento de que não acha ruim que ela o trate assim (linha 10).

6.1.2.1

Construção da identidade de pai pelo olhar do filho

A seguir, sinto a necessidade de negociar o rumo do nosso discurso para que Aurélio exemplifique as questões de hierarquia e afeto; e, na pergunta seguinte, que seria originalmente de número 4, e na co-construção do discurso passou para número 5, retomo a questão dos relacionamentos para em seguida pedir-lhe: “Conte casos que aconteceram com você e seu pai.”

Fragmento 5

Aurélio

- 1 Bom, até agora eu estou tentando responder a pergunta 1 – ser pai hoje
- 2 para você como é?- emendei na pergunta 2 – relatei e contei algum acontecimento
- 3 entre eu e minhas filhas- e agora vou começar a falar da relação com o pai de
- 4 antigamente.
- 5 Bom antigamente, acho que o que mais chama atenção, claro falando de 40 anos
- 6 atrás é que os pais eram vistos com mais autoridade.
- 7 A sua presença era feita através de uma autoridade.

No trecho acima, Aurélio aproveita as linhas de 1 a 4 para reorganizar o pensamento e sinaliza, nas linhas de 5 a 7, que ainda vai pautar seu raciocínio na questão da autoridade; contudo, a partir da linha 8, encontraremos uma narrativa dentro de outra narrativa, que chamei de fragmento 5.1, na qual Aurélio apresentará uma mudança significativa em seu relato e passará às experiências com seu pai. Inicia sua história inserindo o leitor no tipo de relação que tinha com seu pai.

Fragmento 5.1

Aurélio

- 8 Não tinha uma relação de amizade, assim...
 9 pelo menos eu não vivi essa experiência de ser amigo do meu pai quando eu era
 10 criança...
 11 eu era uma espécie de subordinado que estava ali só para cumprir as ordens dele...
 12 É uma relação diferente, estranha...

A partir da linha 13, atendendo efetivamente ao pedido de que contasse casos ocorridos entre ele e seu pai, retoma por um tempo o estilo das crônicas, do ponto de vista de Linde; e, como já fizera da vez anterior em que lhe foi solicitado contar casos, mantém o foco nas personagens e no que faziam juntos. Encontraremos aqui uma construção de identidade paterna diferente da que ele afirma ter com as filhas, não se encontra o pai amigo: “*É uma relação diferente, estranha...*” (linha 12); no entanto, diferentemente do que nos leva a pensar a leitura das linhas 11 e 12, que nos remete ao pai tirano, encontraremos um pai companheiro.

Fragmento 5.2

Aurélio

- 13 Agora, falando de alguns casos que já aconteceram comigo e com meu pai...
 14 Quando criança, eu e meu pai, as lembranças que eu tenho é que a gente fazia
 15 muitos programas voltados pra natureza, assim...
 16 Quando eu era pequeno, eu me lembro, eu tinha por volta de 7anos de idade, a
 17 gente ia pescar muito, a gente ia pra uma propriedade do meu avô que era distante,
 18 a gente tinha que andar 6 léguas a pé, e...
 19 nesse caminho a gente fazia ginástica, aprendia algumas coisas, a gente corria...

20 meu pai mostrava algumas plantas, tipo lobeira, angico, é...madeiras nobres como

21 jatobá, peroba, e junto do meu avô, meu pai fazia questão de mostrar o

22 conhecimento que ele tinha das plantas, assim...somente árvores nobres.

No trecho acima, Aurélio torna relevante, através de várias exemplificações, que as lembranças que tem é que faziam muitos programas voltados para a natureza (linhas 14 e 15); começa a ser delineada aqui a figura do pai companheiro, apesar da relação de subordinação relatada anteriormente (linha 11). Atividades como: pescar, fazer ginástica, correr... perpassam suas recordações de maneira agradável (linhas 16, 17 e 18) e constroem a figura do pai que ensina (linha 19). Neste momento da análise, é interessante ressaltar que os casos narrados remetem somente a coisas agradáveis levando-nos a considerar a noção de Labov (1967) contestada por Mishler (1995) de que os entrevistados parecem aliviar a sua experiência quando contam histórias sobre eventos dramáticos, no caso, a relação dele com seu pai.

Através de sua fala nas linhas seguintes (20, 21 e 22), Aurélio demonstra a importância do pai conhecedor de plantas, que *“fazia questão de mostrar o conhecimento que ele tinha das plantas... somente árvores nobres.”*

Fragmento 5.3

Aurélio

23 Então, eu

24 fui criado nesse meio assim, a gente andava a cavalo, meu pai tinha algumas

25 cabeças de gado que a gente cuidava.

26 Eu gostava muito de andar a cavalo, aquilo pra mim era tudo, era um passeio

27 diferente, e o legal, o melhor de tudo isso era que tinha uma travessia de um rio,

28 o rio

29 não era muito fundo, mas eu pequeno ainda ficava em cima do cavalo, meu pai e

30 meu avô iam a pé atravessando o rio e puxando a rédea do cavalo com eles,

31 e eu....

- 32 em cima presenciando tudo aquilo.
- 33 Uma das coisas que eu gostava era ficar olhando pra água e de repente
vinha
- 34 aquela ilusão de óptica e parecia que eu tava descendo o rio...
- 35 Isso era muito interessante.
- 36 E tinham os problemas, a gente se machucava, caía, arranhava...era
uma...uma
- 37 constante guerra, mas uma guerra boa, que a gente aprendia muito.
- 38 E nesse meio pescava, cozinhava, dormia em rancho feito de pau a pique

Como se pode notar no fragmento acima, Aurélio irá introduzir através do uso de “*Então eu fui criado nesse meio assim...*” (linhas 23 e 24), em que retoma as atividades que faziam em conjunto, não só a identidade paterna, mas sua própria identidade de filho e neto; e para tal, afirma o que seu pai possuía, *algumas cabeças de gado das quais cuidavam* (linhas 24 e 25) e que seu avô também estava presente nessas atividades, além de reforçar que tudo aquilo, como andar a cavalo, era imensamente prazeroso. De fato, na linha 35, ele afirma categoricamente: “*Isso era muito interessante.*”

Como se pode notar nas linhas 36, 37 e 38, havia problemas como denotam os verbos *machucar*, *cair*, *arranhar* e a expressão “*era uma... uma guerra constante...*”. Contudo, retomando Labov sobre a tendência de os entrevistados aliviarem sua experiência quando narram; mais uma vez, os fatos são aliviados com o uso da expressão: “*...mas uma guerra boa, que a gente aprendia muito.*”

Fragmento 5.4

Aurélio

- 39 Certa vez uma das éguas do meu avô estava perto de parir ...
- 40 e chovia lá na fazenda e ele amarrou a égua bem próximo ao rancho.
- 41 E aí...de madrugada, as onças percebendo o cheiro do animal, não sei...
- 42 foram se aproximando do rancho e quando foi de manhã, pra minha
surpresa, o
- 43 couro da égua tava todo arranhado da unha da onça.
- 44 A onça tava tentando comer o filhote...
- 45 Que a égua já tinha parido de madrugada...
- 46 Nossa...Que coisa! E o mais interessante é que eu não ouvi nada...

- 47 Eu tava tão cansado que dormi e não ouvi nada, no outro dia foi meu avô me
48 contando isso e mostrando o que a onça tinha feito...

É interessante notar que neste fragmento aparece pela primeira vez nos relatos de Aurélio, uma narrativa laboviana, em que ele nos apresenta um fato reportável e no qual o foco não está centrado nas personagens e suas ações.

6.2

Construções identitárias de filhas e pais

Nesta seção, analisarei como, nas entrevistas, as construções identitárias surgem sempre na relação com o outro, pelas qualificações de si mesmo, do outro, pelas atividades e/ou atos de fala do outro, como isso pode ter impacto nas expectativas que Mariana e Ana Clara apresentam na sua relação com os pais e de que modo isso influencia nas interações familiares.

É fato - e pretendi discutir isto na seção de suporte teórico deste estudo, capítulo 2 - que as famílias têm mudado significativamente as relações de hierarquia e afeto entre seus membros e, entre essas mudanças, é notável o novo papel de pais e filhos, o que afetou profundamente a organização da família e as expectativas de cada um sobre o que esperar do outro e como agir nas interações.

A análise dos dados desta seção terá início pela entrevista com Ana Clara respondendo a algumas questões: como ela se vê, como vê seu pai, como é a relação entre eles e a seguir, como é sua mãe e peço-lhe que conte casos que ilustrem sua relação com sua mãe. A finalidade dessas perguntas é que seja possível identificar os tipos de recursos lingüísticos que marcam na interação a construção que ela tem de si própria e do outro e seu impacto nas relações familiares.

6.2.1

Pai e filha: posições em conflito

Pergunta: 1- “Eu queria que você falasse um pouco como você é, como é o seu pai e como você vê sua relação com ele”.

6.2.1.1

Filha e pai – uma relação

Fragmento 1

Ana Clara

- 1 Eu acho que...eu não sou uma pessoa muito... muito fácil.
- 2 Mas também não sou tão difícil como todo mundo fala, porque tipo...
- 3 Todo mundo fala que eu sou chata, que eu sou tudo..
- 4 Mas tipo, não é assim mesmo.
- 5 Eu acho que...é meio que exagero, porque assim, o pai também não é essa
- 6 beleza de pessoa não, essa florzinha.
- 7 E...ele...ele implica muito fácil, ele se estressa muito fácil,
- 8 sei lá, apela assim, do nada.

Para a análise deste fragmento, considero relevante observar Sue Widdicombe (1998, pp.52-70), quando busca analisar as formas por meio das quais os falantes tornam-se membros ou não membros de uma determinada categoria; a autora demonstra que a negociação de uma identidade revela uma sensibilidade com relação a problemas de afiliação a uma categoria: presença de conformidade e perda da individualidade. A seguir conclui que uma referência a uma identidade social de um indivíduo é também uma referência ao seu pertencimento a uma categoria específica.

É interessante observar que apesar da proposta ter sido para Ana Clara falar um pouco como ela se vê e como vê seu pai, a garota orienta hesitantemente seu turno, deixando entrever sua dificuldade em falar de si própria, para a seguir marcar a construção de sua identidade através da negação: “...*eu não sou uma pessoa muito... muito fácil*” (linha 1). Na linha dois, a garota recorre a outras vozes, “*todo mundo fala*”, para amenizar sua dificuldade de falar de si mesma e justificar o que virá a seguir: “*Todo mundo fala que eu sou chata, que eu sou tudo...*” (linha 3). No entanto, na linha seguinte, Ana Clara, (cf Goffman, 1980:67 *apud* Pereira, 2002, 16), mediante orientação defensiva, procura “salvar a própria face” afirmando: “*Mas, tipo, não é assim mesmo.*” (linha 4).

A fim de introduzir seu discurso sobre como vê seu pai, a garota opta por iniciar falando dele em comparação consigo própria, na relação deles: “... *porque*

assim, o pai também não é essa beleza de pessoa não, essa florzinha” (linhas 5 e 6), enfatizado pelo termo *também não*; para, finalmente caracterizá-lo como *estressado* e *apelão* (termo muito usado por ela): “*E... ele...ele implica muito fácil, ele se estressa muito fácil, sei lá, apela assim, do nada.*” (linhas 7 e 8).

6.2.1.2

Pai autoritário X Filha desafiadora

Este trecho irá ilustrar o que Snow (2001:4) afirma sobre identidades pessoais, para o autor: “identidades pessoais são construídas com atributos e significados atribuídos a si mesmos”. Além de reportar a Bucholtz & Hall (2005: 586), segundo as quais a identidade é construída na relação com o outro: “Identidade é o posicionamento social do ‘eu’ e do ‘outro’”.

Fragmento 1.1

Ana Clara

- 9 E como eu não sou tão frouxa, assim, não frouxa, mas como eu não sou
10 tão... fácil assim...que nem a minha irmã,
11 ele... eu enfrento ele, e daí ele acha que eu to assim... desafiando,
querendo
12 mostrar quem manda, mas não é assim.
13 É porque eu acredito no que eu acredito e eu gosto de tentar provar o
meu ponto
14 de vista, e ele não deixa, ele tem que ta sempre o certo,
15 sempre o que sabe das coisas e não aceita nenhum argumento.
16 E ele quer impor as idéias dele pra mim e isso eu não aceito. Aí eu
enfrento,
17 aí ele...fica bravo comigo e tal...
18 começa a brigar comigo... daí é ruim, né?
19 Mas...porque...sei lá...eu não sou tão difícil assim eu só não gosto que
me passe
20 pra trás ou que passem por cima das minhas idéias,
21 e ele não aceita as minhas idéias.
22 Aí assim, a gente... a nossa relação é meio tensa por causa disso, mas
também
23 é boa ao mesmo tempo, sabe?
24 A gente ri e tal... faz piada...

Através de sua fala neste trecho, Ana Clara mais uma vez ao tentar falar de si mesma, constrói sua identidade na relação com o outro; desta vez, a irmã, nas linhas 9 e 10 afirma: “*E como eu não sou tão frouxa, assim, não frouxa, mas como eu não sou tão... fácil... assim... que nem a minha irmã*”. É interessante notar que, imediatamente após qualificar a irmã como *frouxa*, a fim de evitar conflito, Ana Clara retoma seu pensamento e nega o adjetivo usado, mas parece não ser tarefa das mais fáceis substituir a palavra, algo que se pode perceber diante de sua hesitação até optar pelo adjetivo *fácil*.

Somente então, a garota se constrói como aquela que *enfrenta* o pai, que acredita no que acredita, que gosta de tentar provar seu ponto de vista e não aceita que o pai lhe imponha suas idéias (linhas 11, 13,14 e 16); aí, parece que fica mais fácil construir a identidade paterna, num primeiro momento ainda na relação com ela, como aquele que não a deixa provar seu ponto de vista; mas, em seguida, como uma característica geral: “*ele tem que tá sempre o certo, sempre o que sabe das coisas e não aceita nenhum argumento.*” (linhas 14 e 15).

Quando fala da sua relação com seu pai (linhas 22, 23 e 24), Ana Clara classifica como *meio tensa* pelo fato de ele não aceitar suas idéias e tentar manter a hierarquia, mas logo depois retifica dizendo que a relação também é boa e afetiva, pois riem e fazem piada.

Fragmento 1.2

Ana Clara

- 25 E outra coisa que eu não gosto é, por exemplo quando ele não quer deixar eu sair.
- 26 Ele acha que pode me prender, assim, sem deixar eu sair. Mas não é assim...
- 27 Sei lá se é por ciúme que ele tem...mas...eu acho pô, que não é me proibindo de
- 28 fazer as coisas que ele vai conseguir.
- 29 Ta certo que na maioria das vezes eu consigo convencer ele de deixar eu sair, ir
- 30 pras festas com as minhas amigas, e tal...
- 31 Mas tem que ter toda uma negociação e tal...aí é meio chato, às vezes não tem

32 porque ele implicar com as saídas e daí ele implica,
 33 fica falando que eu não tenho que ficar saindo, que eu tenho que ficar em
 casa,
 34 .. mas poxa, eu tenho 16anos eu não gosto de ficar em casa,
 35 não tenho idade pra ficar em casa, eu quero sair com os meus amigos,
 36 aproveitar, sabe?
 37 E daí ele fica implicando comigo.
 38 Ele...ele acha que ele pode tipo mandar em mim, sabe?
 39 E...ele pode mandar, né? Porque ele é meu pai, mas...mas tem uns
 limites
 40 assim.
 41 Ele, acho que precisa relaxar mais e deixar eu fazer mais as coisas, eu ter
 mais
 42 as minhas idéias e parar de implicar tanto comigo.
 43 Que eu acho que por eu ser a que enfrenta ele, ele implica mais comigo
 porque
 44 a minha irmã, ela não enfrenta,sabe?
 45 O que ele fala pra ela ta certo, e segue briga e pronto, acabou aí.
 46 E eu não, eu até choro, mas eu pego e enfrento ele, sabe?
 47 Porque eu quero mostrar pra ele que ele não é o único que ta certo em
 todas as
 48 situações.
 49 Mas ultimamente ele tem melhorado, ele tem deixado eu sair mais, tal...
 50 Tá...tá confiando mais assim...porque a gente sempre teve muita
 confiança aqui
 51 em casa,
 52 mas aí tem hora que parece que ele esquece disso, que ele esquece
 que eu
 53 não sou de fazer coisa errada, daí quer impor, tal...
 54 quer que eu fique em casa. Mas parece que esse ano ele tá percebendo
 mais
 55 que não precisa dessas coisas, tal... e tá melhorando.

Podemos destacar, no fragmento acima, alguns momentos em que Ana Clara ressalta o que considera relevante na identificação que faz do pai e de si mesma para melhorar seu relacionamento com ele. Nas linhas 25, 26 e 27 encontramos um pai controlador e ciumento que não quer deixá-la sair com as amigas, mas que aceita negociar e se deixa convencer (linhas 29 e 31); nas linhas 34 e 35 ela ressalta a categoria idade, “...mas, poxa, eu tenho 16 anos...”, como

relevante para justificar que *“eu não gosto de ficar em casa, não tenho idade pra ficar em casa, eu quero sair com os meus amigos”*.

Ao afirmar sua idade, Ana Clara argumenta já ter 16 anos, demonstra sua indignação com o controle paterno e quer que entendamos ser essa uma idade em que normalmente as garotas são autorizadas a sair de casa com os amigos. A garota inclui em sua fala as partículas interrogativas *“sabe?”* e *“né?”*, que visam a me incluir no discurso (como acontece em vários outros momentos, linhas 18, 23, 36, 38, 39, 44 e 46), além de indicar sua preocupação com o meu entendimento compartilhado sobre os argumentos que usa, entendimento que passa pelo meu conhecimento de mundo e meus processos de categorização como membro social de determinado grupo.

De fato, diante da pergunta número 2, que virá a constituir o próximo item a ser analisado, e que antecipo devido à pertinência para concluir a identificação da figura paterna, Ana Clara conclui sobre o pai: *“Que ele é, tipo, que ele é um cara legal, tal... divertido. Mas que ele é muito apelão e muito dono da razão.”* (Fragmento 2, linhas 3 e 4 a seguir).

Fragmento 2

Ana Clara:

- | | |
|---|--|
| 1 | Então, é...como eu vejo minha mãe e meu pai...como eu vejo meu pai eu já |
| 2 | falei, né? |
| 3 | Que ele é, tipo, que ele é um cara legal, tal...divertido. |
| 4 | Mas que ele é muito apelão e muito dono da razão. |

6.2.1.3

Mãe e filha: relação de proximidade e negociação

Pergunta 2: Agora eu queria que você falasse um pouquinho, você já falou de você, né? Aí eu queria que você falasse um pouco de como você vê a sua mãe, aí você já falou como você vê o seu pai... Aí eu queria que você falasse um pouquinho, que contasse casos falando da relação, de como é a sua relação com a sua mãe e com o seu pai, que já tá aqui, né? Mas assim, essas relações são

diferentes? Como você vê a sua mãe, a sua relação com ela e com o seu pai também?

Diante do pedido de que falasse um pouco como Ana Clara vê a sua mãe, temendo influenciá-la em suas reflexões, não fiquei por perto enquanto ela gravava sua resposta, acho importante este esclarecimento devido ao fato já mencionado de que além de ser a pesquisadora, sou a mãe da qual ela vai falar. Observo, ainda, que o início do fragmento 4 abaixo (linhas 1 a 4), por retomar a identificação paterna, fez parte do final da análise do item 6.2.1.2.

(i) Mãe compreensiva

Fragmento 2.1

Ana Clara

- 5 Mas...minha mãe, tipo...é muito diferente a relação que eu tenho
com a minha
- 6 mãe e a relação que eu tenho com o meu pai,
- 7 porque assim, pô...não sei, porque também é menina e daí é mais...
- 8 sei lá, mais fácil, entende mais.
- 9 Só que...sei lá...Mas a minha mãe, parece que ela entende mais as
coisas,
- 10 sabe?
- 11 Quando por exemplo, se eu preciso...quando eu quero sair e tal...
- 12 com os meus amigos...e daí meu pai não quer deixar, aí eu peço
pra minha
- 13 mãe e ela deixa e tenta convencer ele,sabe?
- 14 Pra ajudar assim...e...ela sabe que não tem motivo pra ter tanta
preocupação
- 15 assim, se for essa a razão da implicância do meu pai,
- 16 não tem motivo pra tanta implicância porque sabe que é só pra eu
me divertir
- 17 um pouco e tal...
- 18 Mas assim...sei lá...a relação é muito boa, tipo, muito boa mesmo.

Embora o pedido fosse para que Ana Clara começasse falando como vê a figura materna, e, portanto, a expectativa fosse que procurasse primeiramente construí-la identitariamente, embora haja a construção identitária da mãe pelos

atributos conferidos a ela, a garota optou por iniciar seu turno falando da relação que tem com a mãe e o fato de ser muito diferente da que tem com o pai. Nas linhas 5 e 6 deste fragmento, assim se coloca: “*Mas... minha mãe, tipo... é muito diferente a relação que eu tenho com a minha mãe e a relação que eu tenho com o meu pai*” e se justifica nas linhas seguintes (7, 8, 9 e 10) apresentando a figura de uma mãe compreensiva, bem mais que o pai. A mãe é também aquela que convence o pai a deixá-la sair com os amigos e que a conhece o suficiente para saber que não há motivos para a implicância paterna, pois ela só quer se divertir.

(ii) Comparação com as mães das amigas – mãe próxima

Fragmento 2.2

Ana Clara

- 19 Eu acho que quando eu comparo assim com as minhas amigas
 20 contando como são com as mães, eu acho que a nossa é muito
 diferente,
 21 a nossa é muito mais próxima.
 22 Por exemplo, eu tenho uma amiga que ela mora só com o pai, e duas
 irmãs e a
 23 mãe dela mora lá em Vitória, eu acho,
 24 e ela quase não tem contato com a mãe dela, e eu acho isso muito
 estranho,
 25 do jeito que eu sou com a minha mãe eu não me imagino sem ela,
 sabe?

Ao procurar traçar a identidade materna, Ana Clara faz uso da comparação da relação que as amigas têm com as mães (linhas 19 e 20) para, ao incluir a irmã no discurso, afirmar que: “...*a nossa é muito diferente, a nossa é muito mais próxima.*” (linhas 20 e 21). A seguir, cita o exemplo de uma amiga que quase não tem contato com a mãe e afirma achar isso muito estranho, pois “*do jeito que eu sou com a minha mãe eu não me imagino sem ela, sabe?*” (linhas 24 e 25).

(iii) Mãe que apóia (junto ao pai)**Fragmento 2.3**

Ana Clara

- 26 Ela tipo, me apóia em tudo, quando eu quis por exemplo começar a andar de
- 27 skate, daí ela deixou, quando eu quis começar a tocar violão,
- 28 daí ela comprou o violão pra mim...
- 29 Ela e o pai, né? Também. Mas, o pai também ajudou muito,
- 30 mas só pra enfatizar a questão do apoio, assim...
- 31 Quando eu quis comprar guitarra ela comprou minha primeira guitarra,
- 32 quando eu fiz 15 anos ela comprou a minha segunda, pagou aula cara pra mim,
- 33 pra me apoiar, sabe?
- 34 Quando eu dizia que queria fazer faculdade de música me apoiou, falou que
- 35 era pra eu fazer o que eu quisesse.
- 36 E mesmo agora que eu decidi fazer jornalismo, continua apoiando, ajudando...
- 37 Ela ajuda tipo...assim, na escola, quando eu to com dificuldade em alguma
- 38 matéria que ela saiba, em gramática, me ajuda nos trabalhos.

A fim de construir a figura da mãe que *apóia em tudo* (linha 26), Ana Clara exemplifica com fatos como deixá-la andar de skate, tocar violão, ajudar nos trabalhos escolares, comprar guitarra e pagar aula cara, deixá-la escolher fazer faculdade de música ou jornalismo; enfim, embora o pai também ajude muito, faz questão de enfatizar: “...*mas só pra enfatizar a questão do apoio, assim...*”.

(iv) Aquela que as amigas adoram**Fragmento 2.4**

Ana Clara

39 E...nossa, cara.

40 É muito legal, minhas amigas adoram ela, falam como ela é divertida,
como ela

41 é engraçada...

42 Todo mundo acha muito legal, assim, nossa relação.

As qualidades como *divertida, engraçada e legal* são apresentadas como adoráveis na voz animada das amigas e de todo mundo. Estas qualidades representam razão para que ela conclua: “*Todo mundo acha muito legal, assim, nossa relação.*” (linha 42).

(v) Aquela com a qual se tem liberdade**Fragmento 2.5**

Ana Clara

43 E assim, eu sei que eu tenho liberdade pra falar as coisas pra ela,
sabe?

44 Mas eu acho que assim, que depende do momento, por exemplo,
é...

45 se eu quero pedir pra sair, daí tem que ser uma hora que ela esteja
assim,

46 de bom humor, né? E tal...

47 Tudo tem momento e tal...

48 Mas aí, tipo, qualquer problema que eu tenha eu sei que eu posso
falar

49 com ela...é...sabe?

50 porque eu sei que ela sempre vai me ajudar...

51 E é uma relação muito mais próxima do que é a minha relação com
o meu pai,

52 porque a relação com ele é mais ou piadinha ou bronca, aí tipo não
tem muito

- 53 papo sério, assim...
- 54 Sabe? de conversar, contar as coisas...
- 55 Mas acho que isso é assim na maioria das famílias, não sei.

Por fim, é interessante observar que Ana Clara considera importantíssimo ter “*liberdade pra falar as coisas pra ela*” (linha 43); e, embora reconheça que quando quer pedir para sair, dependa do momento e do humor de sua mãe, esclarece: “*Mas aí, tipo, qualquer problema que eu tenha eu sei que eu posso falar com ela... é... sabe? ... porque eu sei que ela sempre vai me ajudar...*” (linhas 48, 49 e 50). Parece que a garota tem a preocupação de construir a face da mãe como sendo “a legal”, mas finaliza este momento do discurso retomando a questão da relação entre elas como “*...uma relação muito mais próxima*” (linha 51) do que a sua relação com seu pai; além de se questionar se não deve ser assim na maioria das famílias nas quais a relação com a mãe é sempre mais próxima que a relação com o pai.

6.2.2

Mariana e suas construções de pais

Diante do questionamento que lhe fiz de como vê sua relação com seu pai e do pedido de que respondesse contando casos e situações dessa relação, Mariana inclui em sua fala qualidades positivas e negativas que dizem respeito à relação pai e filha. Essas qualidades servirão para que as construções identitárias surjam sempre na relação entre eles, pelas qualificações de si mesma, do pai, e pelas atividades e/ou atos de fala do outro.

Neste momento, ressalto que foram selecionados para análise apenas alguns momentos em que Mariana torna relevantes estas qualidades; porém, seu relato pode ser encontrado na íntegra no anexo deste trabalho. Ressalto, ainda, que situações – e, portanto, análises – repetitivas também não serão retomadas, como por exemplo o uso das partículas interrogativas *né* e *sabe* bastante presentes na fala da garota, mas que também aparecem na fala de Ana Clara e que têm aqui o mesmo objetivo: garantir meu entendimento compartilhado.

6.2.2.1

Relações entre filha e pai: instabilidade e mudança

(i) O pai ciumento

Fragmento 1

Mariana:

- 01 Tá bom...É..Minha relação com o meu pai é tranqüila, eu acho...
principalmente
02 agora,né?
03 Nessa fase que eu estou, estou com 19 anos e acho que agora nossa relação
já tá
04 mais tranqüila.
05 Mas ela já foi bem conturbada, assim, a gente já teve alguns problemas, mas
06 nada muito sério.

Mariana inicia seu turno classificando sua relação com seu pai como sendo tranqüila, mas parece relativizar sua afirmação quando, na seqüência, diz: “...*eu acho*”, no entanto, retoma: “ ... *principalmente agora, né?*” (linhas 1 e 2). E, como a preparar-nos para a narrativa que apresentará a seguir completa: “*Nessa fase que eu estou, estou com 19 anos e acho que agora nossa relação já ta mais tranqüila.*” (linhas 3 e 4).

A leitura que faço da fala de Mariana, ao afirmar que já está com 19 anos, é que não pretende indicar surpresa ou indignação, mas justificar que já está mais madura para ter um relacionamento melhor com o pai. Diferente da irmã que ao dizer já ter 16 anos, o que já lhe autorizaria a sair e fica indignada com o controle do pai.

Fragmento 1.1

Narrativa – o namoro

Mariana

- 07 Ahh, por exemplo, quando eu comecei a namorar ele morria de ciúmes, morria
08 mesmo,e..

- 09 logo que eu comecei mesmo ele ficou quase 3 meses sem falar comigo,
 10 porque tava com ciúmes mesmo, não tem outra explicação.

(ii) O pai irritado e crítico

Fragmento 1.2

Mariana

- 11 Então assim,
 12 a gente se dá bem, normalmente se dá bem..
 13 só que, assim como em toda a relação, tem coisas que um faz que o outro
 não gosta e
 14 tem coisas que o outro faz que esse um não gosta.
 15 Igual, é, meu pai tem um pequeno problema que me irrita um pouco que é
 sempre...
 16 assim..a gente tá contando um caso, na boa, alguma coisa que aconteceu no
 dia-a-dia
 17 e ele vem e vem sendo grosso, assim,
 18 falando que..é criticando o que você tá contando, sabe?

Mariana inicia este fragmento afirmando que *normalmente* se dá bem com o pai; mas, diante do que virá a seguir, apresentação de uma qualidade negativa do pai, usa termos com os quais procura amenizar o peso da negatividade. Segundo Goffman (1980:67 *apud* Pereira, 2002:16), mediante a orientação defensiva, o falante procura “salvar sua própria face” e, mediante a orientação protetora, visa a “salvar a face dos outros”. No caso da fala de Mariana, fica claro que ela não deixa de apresentar aquilo que qualifica como sendo negativo, mas terá sempre o cuidado de proteger a face do pai.

Aliás, este é o ponto que deverei ressaltar neste momento da análise, nas linhas 13 e 14, ao afirmar que nem sempre se consegue agradar um ao outro, relativiza usando “...*assim como em toda a relação...*”, se acontece em toda relação, logo o problema não está só com eles. Isto fica mais óbvio na linha 15 quando afirma: “*Igual, é, meu pai tem um pequeno problema que me irrita um pouco que é sempre...*”, o uso do adjetivo *pequeno* leva o interlocutor a pressupor algo sem importância, mas o advérbio *sempre* logo a seguir, desfaz essa interpretação, reforçada na linha 17 quando diz que ele é *grosso*.

Interessante observar-se que Mariana segue à risca o pedido da entrevistadora e sempre ilustra sua fala com narrativas como a apresentada no fragmento abaixo.

Fragmento 1.3

Mariana – Narrativa 1

- 19 Igual esses dias que aconteceu que eu fiquei brava porque uma surpresa
que eu tinha
20 preparado pro meu namorado não tinha dado certo,
21 que tinham contado pra ele qual era a surpresa e eu fiquei bem chateada e
fui contar
22 pro meu pai e pra minha mãe
23 e ele falou que... ele veio me criticando como se eu que fosse a errada
24 e..isso me deixou assim, chateada, mas eu fico chateada na hora,
25 são aquelas coisas que a gente fica sentido na hora mas que depois passa...

(iii) O pai com quem pode contar

Fragmento 1.4

Mariana

- 32 e... meu pai é uma pessoa assim, que eu posso contar e sempre que eu to
precisando
33 de alguma coisa eu posso pedir pra ele que eu sei que ele vai conseguir pra
mim,
34 independente do que seja, dinheiro ou pedir pra ele me dar uma assistência
mesmo,
35 se eu ficar perdida na rua eu sei que ele vai me pegar, eu não tenho que me
virar
36 sempre sozinha, eu tenho a ajuda dele e eu sei que ele vai estar ali sempre.

Por fim, Mariana destaca qualidades do que se espera ser um bom pai, aquele com o qual se pode contar sempre, ainda que em alguns momentos seja grosso.

(iv) O pai presente**Fragmento 1.5**

Mariana

- 45 e...assim, ele sempre foi presente, assim, na nossa vida,
 46 nunca foi aquele tipo de pai que muita gente...
 47 muitos dos meus amigos até reclamam, que só trabalhava e que não tava
 nem aí pros
 48 filhos, não queria nada com eles nem nada disso,
 49 é..meu pai desde que a gente é pequenininha ele sempre fazia uns
 programas com a
 50 gente que a gente achava bem legal...

É interessante notar que no fragmento acima, Mariana, com a intenção de qualificar o pai como *presente*, faz uso do pronome *nossa*, de modo a incluir a irmã em sua fala, além de comparar a relação que mantém com o pai, com a que os amigos mantêm.

(v) O pai companheiro**Fragmento 1.6**

Mariana – Narrativa 2

- 51 ele levava a gente no parque de diversões, lá em Goiânia principalmente,
 quando a
 52 gente ficava sem fazer nada na casa da tia da minha mãe, ele pegava a
 gente e ia pro
 53 parque, ia pro shopping, levava a gente no cinema, eu a minha irmã e as
 duas
 54 pequeninhas.
 55 Teve uma vez que ele levou num moto show, que teve no autódromo, só
 tinha
 56 homem, só tinha velho (risos)
 57 e ele levou eu e a minha irmã, eu devia ter, sei lá, uns 8anos e minha irmã
 58 5..no
 máximo, no máximo..

- 59 E a gente lá no moto show, foi bem engraçado porque a gente via, né?
 60 Ficava olhando as estripulias que todo mundo fazia de moto, adorando tudo,
 e ele lá
 61 com a gente.

Mariana, a fim de exemplificar o companheirismo do pai, recorre, como já fizera da vez anterior em que contou um caso, às narrativas no estilo das crônicas do ponto de vista de Linde, mantém o foco nas personagens e no que faziam juntos.

(vi) O pai que tem “pinta de durão”

Fragmento 1.7

Mariana

- 72 Ele sempre foi assim, tentando agradar a gente, por mais que às vezes ele
 não
 73 transparecesse isso,
 74 ficava com aquela pinta de durão dele, mas normalmente ele quer agradar
 a gente
 75 sim, quer ver a gente feliz.
 76 E...eu gosto muito do meu pai, eu amo ele, né?

Para finalizar sua construção de pai, Mariana retoma o que considera mais importante na figura do pai, aquele que está sempre tentando agradar *a gente* (ela é a irmã? Incluindo-me, a mãe, no discurso?); ainda que não transparecesse e ficasse “*com aquela pinta de durão dele*” (linhas 72, 73 e 74)

6.2.2.2

Relação entre filha e mãe

Na pergunta de número 2, solicitei-lhe que falasse um pouco de si própria, como ela se percebe e que falasse de sua mãe e da relação entre as duas. Mariana inicia seu turno falando que esta é uma pergunta difícil, diz que acha complicado falar de si mesma e pede para pensar um pouco. No entanto, o que se percebe quando ela resolve se caracterizar é que vai fazê-lo em relação ao *self*.

Conforme Schiffrin (1996:308-310 *apud* Pereira, 2002:17), o *self* é considerado por Goffman:

“...como o nosso sentimento de quem somos, em personalidade e socialmente no micronível de análise, isto é, em encontros, interações e atividades em que rotineiramente nos engajamos. O que nós somos (ou acreditamos ser) é um produto não somente de processos sociais que operam a nível de instituições sociais (por exemplo a família, a escola, o trabalho) mas de processos sociais embutidos nas situações, ocasiões, encontros e rituais do dia a dia.”

Isto será observável no fragmento abaixo.

Fragmento 2

Mariana

05 Mas... Eu acho que eu sou uma pessoa, assim, principalmente muito preocupada.

06 Muito ansiosa e uma pessoa assim, que quer sempre tentar resolver tudo, uma pessoa

07 que quer ter...

08 quer que tudo a sua volta esteja em completa harmonia, que não esteja nada, nada,

09 nada fora do lugar.

10 E quando essa harmonia é rompida, eu acho que isso me provoca, assim, bastante.

11 Eu sou uma pessoa assim, muito, muito, muito ansiosa.

(...)

25 Eu sou uma pessoa assim, que quer ajudar os outros e, acho que é por isso que eu

26 to fazendo Fisioterapia...

Por fim, no que se refere a falar de si própria, é interessante notar que Mariana ratifica o que Goffman (cf. Schiffrin (1996:308-310 *apud* Pereira, 2002:7-25), conclui sobre o *self*:

“Os processos de micronível ajudam-nos a organizar e dar sentido aos nossos comportamentos do dia a dia e ajudam a nos prover o sentimento do *self*. As identidades que adotamos também ajudam a produzir ordem social e estabilidade e, conseqüentemente, ajudam a dar às instituições sociais seus significados e suas estruturas fundamentais.”

Mariana deixa claro em sua fala que o fato de ser assim tão ansiosa, identidade adotada, faz com que ela tenha estabilidade ao decidir-se por sua carreira como algo que só pode ser voltada para *ajudar os outros*; portanto, não há dúvida de que está fazendo o curso certo.

6.2.2.3

Filha e mãe – amizade e afetividade

Neste momento da análise, busco estabelecer relações entre amizade e afetividade nas interações entre mãe e filha. Do ponto de vista da filha, é interessante notar que Mariana, ao se referir à mãe, não poupa adjetivos positivos como *maravilhosa, importante, linda*; e que, mais uma vez, preocupa-se com a própria face ao reparar uma fala anterior. Vejamos a análise a seguir:

(i) A pessoa mais importante

Fragmento 2.1

Mariana

- 32 A minha mãe é maravilhosa, né?
 33 É a pessoa que, assim, que me inspirou tudo que eu sou hoje...
 34 e...a pessoa mais importante pra mim mesmo, ela, meu pai, minha irmã e
 meu
 35 namorado...

Mariana inicia seu turno afirmando: “*A minha mãe é maravilhosa, né?*” (linha 32) e segue à linha 34: “*e... a pessoa mais importante pra mim mesmo*”; no entanto, ao dar-se conta de que sua fala excluiria pessoas que poderiam ficar chateadas com ela, numa orientação defensiva, na qual procura salvar a própria face, continua: “*ela, meu pai, minha irmã e meu namorado...*” (linhas 34 e 35).

(ii) Aquela que ajuda e ouve**Fragmento 2.2**

Mariana

- 36 e...ela é linda, muito linda e ela quer sempre ajudar as pessoas também,
quando...
- 37 Ela quer sempre resolver as coisas pra que a gente não fique triste com
nada...e...
- 38 Tá sempre ajudando, tá sempre prestando atenção na gente, a gente...
39 eu e minha irmã...a gente pode contar com certeza as coisas pra ela e a...
40 ela tá sempre pronta pra ouvir, qualquer coisa que seja,
(...)
- 44 ela vai tá sempre ali pra ouvir...e...ela tenta me ajudar mesmo,
45 porque ela é uma pessoa ótima que tenta fazer a gente feliz, assim...
46 mais feliz a cada dia.

Observe-se que Mariana, ao se propor a uma construção identitária da figura materna, embora se utilize de um adjetivo que a qualifique fisicamente: “*linda, muito linda*” (linha 1), vai ressaltar outras características que irão suplantar o que acaba de dizer; na verdade, não é o fato de haver uma correspondência ou não com a realidade que vai ser importante para a construção identitária da mãe, o que é realmente significativo vem marcado pelo uso de verbos: *ajudar, resolver, prestando* [atenção], *ouvir, fazer* [a gente feliz].

(iii) A mãe que dá liberdade**Fragmento 2.3**

Mariana

- 100 Eu me dou muito, muito, muito bem com a minha mãe e muitas vezes eu
acho que
- 101 meu pai fica com ciúmes disso, né?
- 102 Porque eu procuro mais ela pra contar as coisas mesmo, porque, não sei,
acho que
- 103 porque eu sou menina, ela é mulher, então ela...é...

- 104 a gente tem menos vergonha de falar as coisas assim...
 105 E porque ela sempre me deu abertura pra falar qualquer coisa e...

Ao comentar a relação com sua mãe, Mariana afirma: “*Eu me dou muito, muito, muito bem com a minha mãe...*” (linha 100), é interessante indicar que o tipo de relacionamento que já vem qualificado como bom (bem), tem sua relevância demonstrada através da expressão amplificadora *muito*, reforçada pela repetição.

(iv) Aquela que tem jeito para falar

Fragmento 2.4

Mariana

- 109 ... e com a minha mãe eu sei que essa bronca vai ser mais
 110 difícil, porque normalmente ela não briga, assim como meu pai briga,
 111 ela fala e... alguma coisa que eu fiz que deixou ela chateada...e...
 112 é uma bronca só que é uma bronca diferente...e... Ela fala com mais jeito
 que o meu
 113 pai, né?
 (...)

 116 Minha mãe é mais jeitosa, então acho que é mais fácil falar com ela
 porque, sei lá,
 117 eu vou pedir pra minha mãe pra ir pra um show nesse sábado, aí ela vai
 falar “Não
 118 sei, vamos ver, ver se dá pra te levar, pra te buscar, se vai ter dinheiro...”
 119 Aí tudo bem, é isso que ela fala.
 120 E meu pai não, eu peço pro meu pai se eu posso ir no show sábado aí ele
 já fala
 121 “Não, assim não dá, você só sai, não pára um fim de semana em casa,
 você vai ficar
 122 em casa, não dá pra ir, você acha que a gente vive como?eu vou ficar
 saindo pra ir
 123 te buscar o tempo todo...”
 124 Então assim, é..a minha mãe, ela não deixou no começo, né? Mas ela
 falou com um
 125 jeito maior,né?

- 126 Falou com mais jeito mesmo, que não me deixou chateada mesmo ela
 não
 127 deixando mas o meu pai não, ele já vem armado, né?

Neste que considerei o momento final da análise dos dados da entrevista com Mariana, pretendo tratar mais especificamente a noção de afeto, que visivelmente perpassa toda a sua fala. Para este estudo, é interessante ressaltar que o afeto também está relacionado ao conceito de *self*, às necessidades de Mariana em manter a face positiva.

Para a análise deste fragmento todo, retomo, ainda, Deborah Tannen (2003), segundo a qual:

“...é por meio da conversa que nossos relacionamentos são criados e moldados, e, para entender os relacionamentos é primordial compreender os mecanismos da conversa cotidiana a qual em lugar algum é mais poderosa ou problemática do que entre os membros da família.”

Mariana, não diz que a mãe é melhor ou pior que o pai porque não dá bronca, mas afirma que o faz de uma forma diferente, com jeito.

Para concluir, Mariana ao fazer referência a um pedido hipotético para sair no sábado, afirma sobre como seria a reação de seu pai, e, animando sua voz, exemplifica: “*Não, assim não dá, você só sai, não pára um fim de semana em casa, você vai ficar em casa, não dá pra ir, você acha que a gente vive como? eu vou ficar saindo pra ir te buscar o tempo todo...*”. (linhas 121, 122 e 123). No entanto, ao se reportar à fala da mãe, como seria, exemplifica: “*Não sei, vamos ver, ver se dá pra te levar, pra te buscar, se vai ter dinheiro...*”, (linhas 117 e 118), para finalizar comenta: “*Então assim, é..a minha mãe, ela não deixou no começo, né? Mas ela falou com um jeito maior, né? Falou com mais jeito mesmo, que não me deixou chateada mesmo ela não deixando mas o meu pai não, ele já vem armado, né?*” (linhas 124, 125, 126 e 127).

Para Tannen (1993), no emprego das estratégias discursivas, há uma relação paradoxal entre poder e solidariedade; embora relações de poder e solidariedade, proximidade e distanciamento sejam vistas inicialmente como opostas, uma acarreta a outra. A solidariedade em si pode ser vista como uma forma de controle e poder